

EDITORIAL

REVITALIZAÇÃO DE NOSSOS MODOS E HÁBITOS DE VIDA

Vários movimentos sociais recentes preconizam mudanças pontuais e estruturais nos nossos modos de vida, modificações em nossos hábitos, posturas e comportamentos, em nosso estado de espírito.

Um destes movimentos, o slow food (“alimentar-se devagar”) é adepto da ecogastronomia com a utilização de cardápios e alimentos saudáveis, ecologicamente corretos, de produção sazonal local, com receitas típicas e peculiares à região, passadas de geração a geração e em que as refeições sejam calmas, em convívio harmonioso com a família e amigos. É o contrário do “fast food”, hoje excessivamente praticado, com ritual de alimentação à base de hambúrgueres, cachorros quentes, batata frita, catchups, etc.

Outro movimento nascido na Itália e hoje crescente em todo o mundo, é o “cittá slow”, em que pequenas cidades se tornam cidades refúgios para aquelas pessoas que não toleram o ritmo alucinado das metrópoles modernas. Para se credenciar como “cittá slow” são necessários alguns quesitos:

- Cidades com menos de 50 000 habitantes;
- Barulho e condições de trânsito sob controle;
- Ampliação das áreas verdes e de ruas para pedestres;
- Preservação de construções históricas e sítios naturais;
- Sistema de ajuda a produtores e comerciantes locais a venderem seus produtos;
- Defesa das tradições locais (cultura, folclore, culinária, artesanato, memória, etc.).
- Clima de hospitalidade.

Enfim, um ambiente no qual a natureza é fonte inspiradora para o trabalho, o lazer, a realização pessoal e profissional. Qualidade de vida aprimorada. Relações e valores baseados na confiança, na

amizade, na honestidade.

As refeições, em especial, passam a ter e a manter um processo de descobertas diárias. A boa conversa à mesa, em família ou com amigos ou mesmo estranhos. Diálogos de convivência, de concentração, profundidade, delicadeza, calor humano e que requerem tempo, arte, tato, filosofia, finesse.

Reaprendermos a conviver, a nos relacionar – em casa, no trabalho, na escola, nas viagens, nos locais de lazer. A arte da escuta, dar atenção ao que o outro nos diz; sermos espontâneos, naturais e não agirmos jamais com arrogância, como se estivéssemos em cena teatral, representando um personagem.

As pessoas são ou se tornam mais felizes, porque os seus ingredientes de vida (alimentação, esportes, redes afetivas, hábitos sadios) ajudam-nas a evitar doenças ou, pelo menos, trabalharem e conviverem melhor com os contratempos cotidianos. Pesquisas demonstram que fatores externos como dinheiro, conforto, religião meramente formal não são fundamentais para o exercício da felicidade. Os mais felizes são aqueles que desenvolvem comportamentos ou habilidades básicas (bom senso, capacidade de tolerância a frustrações, humor sadio, renúncia, reciclagem de decepções e tristezas) para se moverem pelos mares da existência.

Assim, o predomínio da estrutura emocional, a competência psicológica para bem conviver e se relacionar pessoal e socialmente são excelentes antídotos contra os males modernos da ansiedade, angústia, depressão, estresse, mesmo a hipertensão e outros transtornos clínicos e mentais.

Segundo Rousseau, pensador iluminista francês, “a felicidade é o estado simples e permanente em que a alma basta a si mesma”.

AO PÉ DA FOGUEIRA

PECADO

Jovem ainda, farrista, era um dos cidadãos mais conhecidos da cidade, principalmente pelas suas peraltices e traquinagens. Alguma arte ocorrida na cidade, um carro deixado na rua e que amanhecera com os pneus arriados, um cavaleiro nu, a toda brida, pela madrugada, assustando a população ou uma bagunça rua abaixo, fora de hora, já se sabia quem era o autor.

Um dos maiores “fregueses” e “clientes” dos quintais e galinheiros da cidade, com uma curiosa exceção. Jamais pisara a horta da casa de Pe. José Duque. Sempre tivera o máximo respeito pela venerável figura e o trabalho pastoral de nosso vigário. Crédulo, acreditava não ser de bom presságio mexer com teres e haveres de religiosos. As aves de Pe. José podiam, dessa forma, dormirem tranquilas em seus poleiros e galinheiros...

Certo dia, vai se confessar. Preparava-se, ali ao pé do confessorário, para uma saraivada de repreensões quanto às “roubadelas” nas hortas alheias, pois Pe. José era obcecado e indignado com os “amigos do alheio”, os alpinistas noturnos que lhe escalavam os muros, furtando-lhe as penosas. Matreiro, tão logo Pe. José



pede-lhe para relatar seus pecados, faz uma inopinada, audaciosa pergunta ao confessor:

- Pe. José, “mal pergunte”, é pecado roubar galinhas?
- Não sendo no meu quintal...

ADIVINHAS

- 1- Qual é o casal que nunca se encontrou?
- 2- O que é o que é, que quanto mais cresce, menos se vê?
- 3- O que é o que é, que quando dizemos o seu nome, ele deixa de existir?

Respostas: 1- A noite e o dia, 2- A escuridão, 3- Silêncio.

Provérbios e Adágios

- *Uma boa abelha não pousa em flores murchas.
- *As palavras bondosas são como o mel: doces para o paladar e boas para a saúde.
- *Difícil é ganhar um amigo em uma hora; fácil é ofendê-lo em um minuto.

Para refletir:

A ética nos faz refletir e agir!

A ética é uma capacidade humana de reflexão, de discernimento e de ação. É preciso cultivá-la em nossa vida. Ela é como um dom; necessita de empenho, tornando-se uma tarefa. À medida que ela cresce em nós, ela é tecida no diálogo e se desdobra no compromisso. Une necessariamente liberdade e responsabilidade. Leva-nos a sermos honestos e transparentes. Assim, crescemos como pessoas éticas. Valorizamos a pertença à comunidade e nela buscamos o bem das pessoas e da própria comunidade. A ética nos coloca sempre no face a face com as pessoas, no respeito de sua dignidade humana.

(Frei Nilo Agostini, OFM, autor de *Ética: diálogo e compromisso*, FTD)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Lídia Fernanda de Campos

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Julia Francisca Vasconcelos

E-mail:

credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 - telefone: (32) 3376-1107

Falar com Julia Francisca Vasconcelos Santiago

Realização:



“GATO PALHEIRO”

Pertinente à matéria estampada em nosso boletim, edição nº 69, Junho/2013, alguns leitores, com bom conhecimento da região, mencionaram-nos a possibilidade do felino visto ser um jaguarandi (também conhecido como gato mourisco), animal já observado e bastante conhecido em nosso meio.

O jaguarandi, como sabemos, possui, porém, uma cauda mais alongada, entre 30 a 60cm, cor cinzento-avermelhada, ou ainda amarronzada; peso maior e sua aparência é mustelídea (parece-se muito com a irara ou papa-mel).

O felino visto por pessoas de nossa cidade, conforme relatado, é bem peludo, especialmente a cauda que é cheia, encurtada; orelhas grandes, pelo longo, denso, grosso; cor cinza-marrom no dorso com listras mais escuras nos membros.

MATÉRIA “SAPATARIAS”

(Estampada em nossa edição nº 67, Abril/2013) - Segundo nos esclareceu o Sr. Tiago Mendes Santiago (Tiago do Beco), um outro sapateiro de renome de nossa cidade, no passado, foi o Sr. Joaquim Pita, que manteve, durante tempos, uma oficina em um cômodo na Av. Dr. Augusto Viegas, (segundo nos foi informado, era ele proprietário e construía várias casas na citada Av. Dr. Augusto Viegas, esquina com Rua São José), transferindo-a, posteriormente, para a Av. Cel. Benjamim Guimarães, em cômodo pertencente ao Sr. Zico Serafim e ainda na Praça da Matriz em espaço no casarão de D.^a Guita.

Sobre o Sr. Joaquim Pita, é interessante observar que, abandonando a profissão de sapateiro, tornou-se ele dentista, (aprendera o ofício com o Sr. José Fiche) trabalhando, durante algum período, com gabinete provisoriamente montado em plena Praça da Matriz, nas proximidades do Bazar do Ponto (ao que parece, em cômodo de propriedade do Sr. José Masceninha, passando posteriormente a atender em sua própria casa, no Beco Grande, hoje Av. 31 de Março,) e ainda, segundo informações, em sua residência, à Rua São José (casa hoje do Sr. Antônio Silva Santos “Antônio do Cicero”). Filho do Sr. Vitor Pita, famoso pedreiro local, Joaquim era casado com a Prof.^a Maria Augusta Teixeira (Dona Nezica). Transferindo-se para Belo Horizonte, separando-se da esposa, adquiriu diploma superior de odontólogo, tornando-se um dos mais conhecidos e valorizados profissionais da Capital mineira, para tal germanizou o seu nome, passando a assinar Dr. Joachim Petter. Seu gabinete no Ed. Mariana era um dos mais refinados e requisitados, gozando de grande movimentação e sofisticada clientela.

Outros sapateiros do passado: Sr. José dos Reis Santiago (Creca), Sr. Tiago Pantaleão, Sr. Antônio Francisco Sampaio, etc.

Merece ressaltar a Sapataria do Sr. Antônio Mansueto Caputo, nosso especial amigo e laborioso contêrrâneo, que funciona, ininterruptamente, há décadas, na Rua Francisco das Chagas, dando continuidade ao pioneirismo e ao talento de seu avô Sr. Gustavo de Paula.

Trata-se de uma tradição de família, porquanto os jovens Fábio e Kleber, filhos do Sr. Antônio Mansueto aprenderam a profissão com o pai e contam hoje com conceituada indústria na área de artigos manufaturados de couro (cintos, carteiras, bolsas, etc.).

Nossos cumprimentos a toda a família “Mansueto Caputo”.

Patrocínio:

EletroMóveis



Apoio Cultural:



O BINGO

Explorava os serviços de bar e bilhar em um velho casarão (onde atualmente se situa o Bazar do Ponto) na Praça da Matriz. Homem simples, trabalhador, de hábitos conservadores. Em seu estabelecimento, como ainda hoje ocorre, os ônibus oriundos e/ou com destino a São João Del Rei, Divinópolis, Belo Horizonte faziam ponto. Estradas de terra, cheias de curvas, crateras. Veículos lotados de gente, bagagem, até animais transportados. Os passageiros chegavam cansados, empoeirados, ávidos por uma parada, um ar fresco, banheiro, um café com quitandas, um lanche...

O proprietário e familiares ali a postos para atender a todas aquelas dezenas de transeuntes. Muita fartura e sortimentos, balcões e estufas abarrotados de salgados, doces, pães, produtos lácteos, biscoitos, salsichas, presuntos, salames. Geladeira daquelas horizontais com refrigerantes, cervejas. Motorista e cobrador tinham atendimento especial, uma mesa servida à parte, toalha rendada, com todos os comestíveis e ingredientes à farta e... Grátis!

Uma lufa – lufa, um escarcéu – todos ao mesmo tempo, requisitando café, leite, um sanduíche, um refrigerante, uma água tônica ou mineral... outros, além do consumo, solicitando ainda que embrulhassem empadas, bolos, broas de queijo, quitandas típicas da terra. Os refrigerantes tinham diversas marcas e denominações comerciais. Como não havia televisão – e se havia, com pouquíssimos aparelhos na cidade – as novas marcas não chegavam, de pronto, ao conhecimento dos comerciantes. Produtos recém-lançados pelas indústrias nos grandes centros demoravam, igualmente, a serem distribuídos e comercializados no interior do Estado. A própria coca – cola levaria meses, talvez anos, a chegar às pequenas e isoladas cidades.

Certa manhã, ônibus vindo de Divinópolis; dele desce, dentre tantos, uma passageira jovem, roupas esportivas e avançadas para a época, linguajar livre, liberal. Guirlandas de flores e bijuterias à moda hippie presas aos cabelos e em volta do pescoço. Solicita, ao ser atendida pelo compenetrado proprietário, um cachorro – quente, “pão bem rijo com fatias de queijo, presunto e bastante apimentado”, diz e finaliza o pedido:

- Agora, o Sr. me dê um bingo e ... no capricho!

O dono do bar, já encucado com o pedido do cachorro quente e que só conhecia o significado corrente da palavra “bingo” tenta entender o pedido:

- o que a senhorita deseja mesmo? Não entendi...

- Um bingo, meu senhor... E esclarece: - sou vidrada num..

A essa altura, outros passageiros, ali espremidos, esperando serem

atendidos, se aproximaram e acompanharam o tenso, senão capcioso diálogo. Estupefação. O sangue sobe à cabeça do comerciante, coração bate mais acelerado.

- Moça, sou homem de respeito, pai de família e você com uma proposta dessas...

A jovem desconcertada, a essa altura e não entendendo o porquê do não atendimento e da agravada reação do vendeiro, que continuava lívido, pasmo... Até que alguém traduziu ao recatado homem do bar o que a jovem modernos trajes e palavreado, desejava: um refrigerante denominado “bingo”, então totalmente desconhecido por essas bandas e rincões de São Tiago...

Foi, então, um hilaridade total, todos rindo a bandeiras despregadas...

NOTA

(1)O termo “bingo” é bastante utilizado no sentido de “jogo”, já na acepção popular (chula) aparece como uma variação do vocábulo “binga”, com o conceito de falo, órgão genital masculino (pouco desenvolvido) e dessa forma, assimilado pelo pudoroso proprietário do bar, conforme acima narrado. Segundo o dicionário Houaiss, esse conceito ligado à genitália masculina é um regionalismo de origem baiana; o dicionário “Aurélio” registra ainda “bingo, s.m. f jogo semelhante ao loto, no qual, além dos números, aparecem letras nos cartões e pedras” e “binga, s.m.f – bras. Corno; tabaqueiro de chifre; espécie de picarra ou cascalho; lampião de querosene; isqueiro tosco”

O refrigerante marca “Bingo” era produzido em Porto Alegre, na década de 1960, no sabor de tangerina, pela empresa Vontobel, atualmente denominada Vonpar, de propriedade do conhecido empresário João Jacob Vontobel. Foi um fracasso comercial, à época. Mesmo shows com Roberto Carlos e sua turma (Jovem Guarda) não conseguiram levantar a venda e a popularização do produto.

Conforme pesquisas na internet, a fábrica “Irmãos Ciomino”, instalada em Araraquara (SP) produz inúmeros refrigerantes, a partir de fórmulas familiares tradicionais, dentre eles o guaraná mimosa, soda e bingo laranja. Fica aí o registro.

(2)Os refrigerantes fazem parte de nossas infâncias. O primeiro refrigerante industrializado de guaraná no Brasil, segundo podemos apurar, chamava-se “Cyrlinha”, produzido, em 1910, pela fábrica “Cyrla”, com sede em Santa Maria, RS. Outros refrigerantes de sucesso do passado:

“Crush”, lançado em 1916 nos Estados Unidos, fazendo grande sucesso no Brasil a partir dos anos 1950. Era de sabor laranja e envazado em garrafinhas âmbar e canelada;

“Grapette” – surgiu nos EUA em 1930, chegando ao mercado brasileiro em 1948 com o slogan “Quem bebe Grapette... repete”. Era distribuído por uma fábrica de Porto Alegre – RS, no sabor uva tradicional, acondicionado em uma garrafinha “torcida” e transparente.

Outras bebidas que circularam no passado: “Minuano” (sabor limão), “Fanta”, “Mirinda”, “Wimi”, “Laranjinha” (produzido em Lageado – SC, a partir de 1951, pelos empresários Arno e João Jacob Vontobel), “Seven Up”, “Mineirinho”, “Baré”, etc.



ÁGUA DE SÃO JOÃO

Desde a década de 60 (lá pelo ano de 62) até hoje, faço um ritual de alegria, bagunça e muita Fé; herança de minha mãe que também, desde criança, tinha este costume.

Ela me chamava bem cedo, antes do sol nascer, para ir até a fonte lavar o rosto no dia de São João e ver a sombra da gente. Mamãe falava que se a gente não visse a sombra à gente morreria.

Naquele ano, eu e mais pessoas que estavam ali ficamos com medo de não vermos a sombra, quando a gente via, a gente falava este ano eu não morro! E saía alegre. Tínhamos um vizinho que possuía deficiência mental de nome Antenor. Ele também tinha este costume. Lembro-me que ele levava uma lata e nela batia, cantava e gritava: vamos gente! Vamos para a água de São João! Vamos lavar a “cara”, vamos! E fazia aquela bagunça que até acordava os vizinhos. Me dá saudade desta época. Às vezes, imito o Antenor, neste dia solto foguetes, etc.

Ainda hoje há várias pessoas que tem este costume. No local onde os presentes se encontram, fazem – se orações, soltam-se foguetes dando vivas a São João em devoção ao santo do dia: São João Batista.

O local da fonte fica perto da casa do Sr. Valdivino. A água não é fria, por ser inverno. Às vezes, sai até fumaça. As pessoas dizem: “Está água é benta por ser dia de São João!” sinto muito bem e feliz. São 51 anos sem falhar um ano sequer. Um momento curioso ocorreu em 1976: eu estava em Belo Horizonte, como lá não tinha um local adequado (fonte), para não passar em branco ou quebrar o jejum, fui ao tanque da área de serviço e fiz o mesmo costume de sempre, bem cedo.

24 de Junho é dia de São João Batista!

Mundinho.

FOLGUEDOS INFANTIS: BRIN

Temos abordado e batalhado – com a máxima ênfase possível, pelas páginas de nosso boletim⁽¹⁾, no sentido de resgate das brincadeiras, jogos, cantos e folguedos, que permeavam e encantavam a infância do passado. São, sem dúvida, ricas manifestações culturais, de inestimável valor recreativo e educativo, expressões maiores de nossa infância e que, através do ritmo musical, dos movimentos (“rodas” e “cirandas”), da disciplina, enriqueceram, sobremaneira, a formação do caráter, a sensibilidade artística, a inteligência, a socialização, a desinibição, a solidariedade, o amor à terra natal e o civismo de muitas gerações.

Estados brasileiros, como o Rio Grande do Sul, têm haurido consideráveis resultados turísticos, culturais e, por conseguinte, econômicos – resgatando suas riquíssimas tradições, através dos CTG-Centros de Tradições Gaúchas, hoje espalhados por todo o País. O Nordeste do País, igualmente, tem se projetado, através de suas expressões folclóricas e culturais, como o maracatu, a quadrilha... A cidade de Olímpia, no interior paulista, é outro exemplo de exaltação da genuína cultura nacional, promovendo, ao longo do ano, inúmeros festivais folclóricos, que atraem a atenção da mídia, de pesquisadores e de milhares de turistas.

Necessário que procedamos a pesquisas, levantando-se e coletando-se coreografias, letras, movimentos cênicos, ritmos dessas cantigas e folguedos que embalam a meninice nossa e de nossos antepassados e que correm o risco de total extinção, caso não preservadas e não reinseridas entre as crianças e jovens de nossa época.

Algumas dessas brincadeiras:

1

A ROSINHA É LINDA

Brincadeira em que as crianças, em círculo, de mãos dadas, cantam e pulam, andando sempre em roda. No centro, fica uma criança sozinha. As demais, que formam e compõem o círculo, cantam:

A Rosinha é linda,
É linda roseira.
Quem entrar na roda
Ficará sozinho

A criança, que se encontra sozinha, no centro, responde, apontando o nome da (outra) criança que irá substituí-la, e daí sucessivamente, até que todas elas tenham passado pelo centro da roda:

Sozinho eu não fico,
Nem devo ficar
Porque tenho uma dama
Para ficar no meu lugar

Põe aqui, põe aqui o teu pezinho.
Bem juntinho, bem juntinho aqui ao meu
Ao virar, ao virar o teu corpinho,
Um abraço, um abraço lhe dou eu.



CADEIRAS DE RODA

2

ENCONTREI AS TRÊS

As crianças se formam em círculo, de mãos dadas, sendo que três delas deverão estar no centro. Quando se canta “Bate, olé!... olé!... olé!...”, as três trocam de lugar com outras três crianças, até que todas passem pelo centro, sempre três a três, batendo palmas no ritmo da melodia. Para esse brinquedo, há duas versões (letras): A primeira:

Encontrei as três
Abraçadas no fogão
Tinham os olhos arregalados
Para a ceia de um ladrão

A outra versão:

Encontrei as três abraçadas no fogão
Encontrei as três abraçadas no fogão
Tinham os olhos arregalados, pareciam um ladrão
Tinham os olhos arregalados, pareciam um ladrão
Mais que dolêlê, mais que dolêlê-lá-lá

4

NESTA RUA

Trata-se de outra cantiga de roda

Nesta rua, nesta rua,
Tem um bosque
Que se chama, que se chama solidão
Dentro dele, dentro dele,
Mora um anjo
Que roubou, que roubou
Meu coração

Se eu roubei, se eu roubei.
Teu coração, tu também.
Roubaste o meu
Se eu roubei, se eu roubei.
Teu coração
É porque, é porque te quero bem.

Se esta rua fosse minha
Mandaria ladrilhar
Com pedrinhas de brilhantes
Pra meu benzinho passar

(esta terceira estrofe é, por vezes, cantada com a seguinte versão):

Se esta rua, se esta rua,
Fosse minha,
Eu mandava, eu mandava ladrilhar.
Com pedacinhos, com pedacinhos de brilhantes.
(Para o meu, para o meu amor passar)

3

SENHORA DONA SANCHA

Todas as crianças, de mãos dadas, fazem uma roda em volta da menina, chamada Dona Sancha, que está no centro, com as mãos cobrindo o rosto. Todas cantam a primeira e a terceira estrofes e a do centro canta sozinha a segunda. Quando terminam, com a ordem de que “escondam debaixo da ponte!”, aí todas se abaixam e a do centro, com o rosto tapado, coloca a mão ante a cabeça de uma companheira que está abaixada, ordenando: “mia, gatinho!” A companheira obedece: “Miau”. Dona Sancha tem que dizer o nome da menina que miou, senão vai passando adiante até descobrir o nome de uma das companheiras.

Eis as estrofes:

Senhora Dona Sancha,
Coberta de ouro em pó,
Descubra o teu rosto,
Que eu quero ver as pratas

Que anjos são estes,
Que andam por aqui,
De dia e de noite,
Em volta de mim?

Somos filhas de um rei
E netas de um conde
Que mandam se esconder
Debaixo de uma ponte
- Mia, gatinho!
- Miau



NOTAS

(1) Ver matérias em nosso boletim sobre o assunto (folgedos infantis): Nº XXXI, Abril/2010.

SAINT-HILAIRE



Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (1799-1853)

O botânico e naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire⁽¹⁾ viajou, em inícios do século XIX, por grandes áreas do território brasileiro, registrando suas observações científicas (em especial a flora), além de pitorescos relatos sobre nossa terra e nossa gente, usos, costumes, curiosidades, em dois tomos sob o título de “Viagens às nascentes do Rio São Francisco e à Província de Goiás”⁽²⁾. Registre-se que o sábio transitava de posse de credencial ou passaporte régio, a que ele denomina “portaria” e que lhe permitia acesso livre ao território pátrio e outras vantagens em termos de locomoção, hospedagem e logística de viagem.

Enfrentando péssimos caminhos e acomodações, intempéries, privações pessoais, campinas e planícies desertas, desfiladeiros íngremes; atravessando e pernoitando por fazendas, pousos, vilas e cidades; conversando com os homens mais importantes de cada lugar e também com as pessoas mais humildes e com escravos – vemos o sábio francês com seu denodado espírito de pesquisa científica e principalmente de um generoso encantamento e esperança por nosso País – na sua visão um País de largas potencialidades e ainda a ser construído.

Saint-Hilaire atravessou terras do Município de São Tiago em Março de 1819, merecendo destacar que, até chegar entre nós, vindo do litoral, o cientista faz referências mais próximas à Fazenda do Tanque, nas adjacências de Ritópolis, cujo proprietário era um sacerdote, talvez o Pe. Crispiniano. Diz o autor, perplexo: “na região, um grande número de sacerdotes limita-se a celebrar a missa, dedicando-se praticamente a todas as atividades, menos as eclesíásticas. Nada mais comum ali do que padres fazendeiros” (pág. 80) Devemos atentar que, entre o final do século XVIII e inícios do século XIX, nas mesmas circunstâncias, tínhamos em nosso meio, a figura um tanto quanto nebulosa do Pe. José Manoel da Roza Ribeiro, fazendeiro e minerador, proprietário das Fazendas das Gamelas e Vargem Alegre e que segundo a tradição (assim também nos era dito e ensinado na escola primária) “morava na Fazenda das Gamelas e vinha aos domingos, ao arraial, para a celebração da santa missa.”

Da Fazenda do Tanque, o viajante desloca-se para o Arraial da Conceição (Conceição da Barra de Minas), então “um aglomerado de casas quebrando a monotonia da paisagem”, onde se extasia com o tamanho e a suntuosidade da Igreja Matriz – pelos seus ornamentos, aparência, pinturas e quadros em honra a Nossa Senhora

da Conceição. Impressiona-se, por outro lado, com o estado de miséria reinante: “as lavras estão esgotadas e os habitantes mais abastados foram estabelecer-se em outra parte”. Os moradores “são quase todos de cor, os quais a passagem regular de tropas de burros impede que morram de fome. Além deles, há as mulatas que vivem de vender seus encantos” (pág.81).

O autor faz uma enérgica observação ante o excesso de igrejas por toda a região, inclusive em Conceição da Barra, em que as ocupações meramente materiais, do culto externo e do pomposo em nome de Deus em detrimento das condições de promoção e dignificação humanas.

“Esta igreja não é a única que se vê no arraial. Por miserável que seja o lugar, há ali outra igreja de menor tamanho. A multiplicidade de igrejas sempre foi uma característica da Província de Minas e ainda era assim à época de minha viagem. Em lugar de construir igrejas, teria sido mais cristão formar associações para melhorar a sorte dos negros que, quando libertos, não têm meios de prover a própria subsistência ou então para impedir que tantos rapazes se entreguem à vadiagem e tantas moças sejam levadas à prostituição” (pág.81)

Fala, em seus escritos, da Fazenda da Barra e do encontro do Rio das Mortes Pequeno lançando-se no Rio das Mortes Grande. Daí dirige-se à Fazenda do Capão das Flores, onde passa a noite. “Numa extensão de duas léguas e meia só andei no meio de matas. Quase em todo o percurso, entretanto, as florestas primitivas tinham sido derrubadas e substituídas por capoeiras e muitas vezes pelos grandes fetos...” Reinicia a viagem no dia seguinte. “Estávamos no dia 21 de Março (...). Entre o Capão das Flores e a Fazenda do Capitão Pedro passei por terras montanhosas, nas quais as pastagens são em menor número do que as matas (...) A única coisa a se lamentar nessa bela paisagem é a ausência quase total de propriedades. Na véspera, eu tinha visto menos habitações ainda do que no dia anterior e entre o Capão das Flores e do Capitão Pedro só encontrei uma fazenda, a das Laranjeiras” (pág.82)

“Do Capão das Flores segui até a fazenda do Capitão Pedro, distante duas léguas e meia. Essa fazenda, como todas as outras, fica situada numa baixada. As edificações que a compõem são vastas, mas a casa do proprietário é tão maltratada quanto às outras que vi desde que entrei na Comarca de São João del-Rei. Quando lá me apresentei, indicaram-me como alojamento um estábulo escuro e coberto de estrume. Nada reclamei enquanto minhas malas não foram descarregadas. Tão logo, porém, me vi de posse de minha portaria, declarei ao dono da casa que lamentava ter de incomodá-lo, mas que não podia deixar de pedir-lhe a gentileza de me arranjar acomodações mais adequadas. A leitura da portaria causou o efeito de um talismã. Todo mundo passou a se mostrar de uma polidez extrema. Levaram minha bagagem para a varanda, deram-me um bom leito e não permitiram que Firmiano, havia muito tempo promovido por mim ao posto de cozinheiro, pusesse o caldeirão no fogo, para empregar a expressão usual da terra” (pág.83)

A figura do Capitão Pedro (Fazenda das Carapuças) é mencionada, em outras passagens do livro, por Saint-Hilaire. “É mais além do povoado de Formiga, lugarejo situado acerca de 24 léguas de São João del-Rei, que se encontram nessa parte os limites do sertão, mas muito antes a região já se mostra escassamente povoada. Entre a Fazenda do Capão das Flores, distante seis léguas e meia do rancho do Rio das Mortes e a do Capitão Pedro, encontrei apenas uma única propriedade num percurso de duas léguas e meia. No dia seguinte, apenas uma pessoa no caminho e no outro, não vi absolutamente ninguém” (pág.73) “Logo depois de passar pela propriedade do Capitão Pedro, situada a nove léguas do Rio das Mor-

tes, vi, em todas as fazendas, um grande número de suínos. São eles que constituem a grande riqueza dos arredores...” (pág.74).

“A fazenda do Capitão Pedro tem duas léguas de extensão. É dedicada ao cultivo de milho, de feijão e de arroz e à criação de gado e de porcos. A localização dessa propriedade, situada entre São João del-Rei, a cidade de S. José, o arraial de Oliveira, a cidade de Tamanduá e o arraial de Formiga garante o escoamento de toda a sua produção. (...) Cultiva-se também um pouco de algodão nos arredores da fazenda (...). Já a cana-de-açúcar parece adaptar-se melhor aí do que em qualquer outra região que eu percorriera ao deixar o Rio das Mortes” (pág.83) Refere-se o autor ainda que “ao chegar à Fazenda do Capitão Pedro, fiquei sabendo que havia nas vizinhanças da propriedade, uma jazida de ferro, num morro denominado Morro do Palmital (...). O proprietário tinha instalado na sua casa uma pequena forja, onde fundia para uso doméstico o minério do Morro do Palmital. Queixava-se, porém, de só conseguir fabricar o aço”, pois a tecnologia de fundição do ferro era então desconhecida para “os habitantes dessa região” (pág.83/84)

Saindo da Fazenda do Capitão Pedro (Carapuças),⁽³⁾ Saint Hilaire dirigiu-se à Fazenda das Vertentes do Jacaré, “situada numa baixada, à beira de um riacho, inteiramente rodeada de colinas cobertas de capim e de matas...” ali pernoitando. “Haviam-me dado inicialmente, nessa fazenda, um quarto escuro e de teto baixo, com o qual me conformara. Tão logo, porém, nos instalamos nele, eu e meus acompanhantes, nossas pernas e pés ficaram cobertos de bichos-de-pé (pulexpenetrans) (...) Em nenhum outro lugar, eu havia visto um número tão grande de bichos-de-pé. É difícil imaginar que, com um pouco de cuidado e higiene, não conseguisse impedir uma proliferação tão espantosa desses insetos” (pág.84)

“Entre a Fazenda das Vertentes do Jacaré e o arraial de Oliveira, distante dela três léguas e meia, as terras montanhosas e cortadas de matas e pastagens apresentam vastas e despovoadas extensões. Não encontrei ali um único viajante, não vi um único boi, tendo notado a presença apenas de duas propriedades, uma ao longe e outra à beira do caminho (...). Atravessei, por uma ponte de madeira em péssimas condições, como de resto são todas as da região (...). Antes de chegar ao arraial de Oliveira atravessei um pequeno vale muito aprazível, de onde já se podia ter uma visão do lugarejo ao longe e no qual já se viam algumas casinhas” (pág.84/85)

Prossegue o naturalista: “Em Oliveira, vi-me num rancho imundo, misturado com tropeiros de todas as cores. Havia sacos de algodão amontoados em todos os cantos e cangalhas empilhadas umas sobre as outras. Dois ou três fogões rústicos cozinhavam a comida dos tropeiros. (...) Oliveira, ou Nossa Senhora de Oliveira, onde passei a noite, pertence à Paróquia de S. José. O arraial conta-se entre os poucos que não devem a sua fundação à presença do ouro em suas terras.

Sua existência se deve unicamente às vantagens de sua localização (...). Várias estradas importantes passam pelo lugarejo: a que vai de Barbacena ao arraial de Formiga; a que liga a região do Rio Grande à cidade de Pitangui; a que vai do Rio de Janeiro e São João del Rei a Goiás, a da vila de Campanha a Formiga, etc.” (pág.85)

O autor descreve a topografia de Oliveira “povoado rodeado de dois morros e está situado no alto de uma colina de cume achata-do. É composto de duas ruas, sendo a principal bastante larga. A maioria de suas casas é de um só pavimento, mas cobertas com telhas (...). De um modo geral, são caiadas, com portas e janelas pintadas de amarelo e emolduradas de cor-de-rosa (...). Uma grande parte dessas casas, mesmo as mais bonitas, só são ocupadas no domingo, pois pertencem a fazendeiros que passam o tempo todo em suas terras e só vão ao povoado nos dias em que a missa é obrigatória” (pág.85)

“Oliveira conta com duas igrejas, sendo que a mais importante foi construída numa elevação no centro da rua principal (...). É uma igreja muito bonita no seu interior. Para orná-la, foi empregada uma pedra de uma bela tonalidade verde, que o mineralogista Pohl afirma tratar-se de talco petrificado. Encontram-se em Oliveira várias lojas de tecidos e armarinhos com variado estoque, além de boteco, uma farmácia e dois albergues, cada um com o seu rancho. Há também alfaiates, sapateiros, serralheiros, etc.” (id.pág.85)

De Oliveira, o autor segue viagem rumo a Tamanduá (hoje Itapeerica), passando por várias fazendas, descrevendo-as e aos seus moradores, de forma pitoresca, precisa, com recheios curiosos de informações, o que torna a leitura aprazível, um verdadeiro tratado e um olhar sedutor sobre a história do Brasil e em particular de nossa região, em idos do século XIX.

AUGUSTIN FRANÇOIS PROUVENÇAL DE SAINT-HILAIRE
– botânico naturalista e viajante francês. Nasceu em Orléans em 04/10/1779 e aí faleceu em 03/09/1853. Aportou no Brasil em 1816, acompanhando a missão extraordinária do Duque de Luxemburgo que veio negociar o fim do conflito entre Portugal e França pela posse da Guiana. Era financiado em suas pesquisas pela Academia de Ciências e pelo Ministério do Interior da França, com objetivos de recolhimentos de informações sobre o uso de plantas na medicina, alimentação e indústria. Viajou por largas extensões do Brasil, no período de transição da condição de colônia para Império. Não deixou, já naqueles tempos, de ser crítico com relação aos políticos brasileiros:

“Desde os primeiros tempos da Independência, um bando de homens ignorantes, nutridos dos hábitos do servilismo, foram chamados bruscamente a participar do governo”

NOTAS

(1) Ver biografia de Auguste de Saint-Hilaire no box à parte.

(2) Utilizamos para essa matéria (reproduções, comentários, etc.) de edição da Universidade de São Paulo, 1975.

(3) Capitão Pedro Duarte de Faria, um dos maiores latifundiários de sua época em nosso meio.

(Ver matéria “Primeira monografia acadêmica sobre a história de São Tiago” em nosso boletim nº VIII, de Abril/2008).

Professoras leigas amor e dedicação ao Magistério

Em São Tiago, houve inúmeras professoras leigas que atuaram como regentes de turmas em estabelecimentos públicos de ensino ou mesmo com aulas particulares. Dona Gabriela Maria de Jesus, mais conhecida como Biela, foi uma dessas pessoas que se destacou no ensino. Filha de João Simão dos Santos e Maria Luíza dos Santos, nasceu aos 04 de outubro de 1933. Dona Biela conseguiu estudar somente até o 4º ano primário, pois na época em São Tiago, era o único grau de estudo oferecido. Concluiu em 27/11/1948 e a diplomação se deu em 05/012/1948 no prédio do antigo Grupo



Dona Gabriela Maria de Jesus (Biela)

Escolar "Afonso Pena Júnior", pela diretora dona Ana Teodora da Silveira Alves. Teve por professoras: Alva Romeiro Silva, Rosália Alice de Carvalho, Maria José Fonseca e Cecília Ribeiro Silva com quem aprendeu muito.

Anos depois, durante o período letivo, as professoras observando que alguns alunos tinham grande dificuldade de aprendizagem ou eram repetentes na mesma série, por muito tempo, encaminhava-os para dona Biela que, em pouco tempo, alfabetizava e ensinava as operações matemáticas. Ao ser perguntada se tinha algum segredo de ensinar dizia: "Disciplina, muitos exercícios, cópias até a criança aprender enquanto estivesse comigo. Talvez tivesse que ficar até sem brincar no dia da aula particular para aprender. E assim acabava tendo responsabilidade com a escola."

Sabendo da sua habilidade de ensinar e precisando de uma professora para lecionar na Escola Rural do Povoado Jorge, na hora do almoço, bate à sua porta o prefeito, Sr. José Resende Santiago (1955-1958) convidando-a para assumir o contrato de regência de aulas na localidade. Muito simples disse: "Não sou professora só tenho o 4º ano." O prefeito e um funcionário que estava com ele convenceram-na a ir dar as aulas por saber que dava conta e que seria supervisionada pela coordenadora das professoras. Assim, rumou para o povoado do Jorge e ficou residindo na Fazenda do Sr. Hélio. Na roça ainda tinha dificuldades de locomoção, onde ia para a escola a cavalo. Começou a lecionar para turmas únicas compostas das quatro séries. Numa de suas turmas havia 40 alunos. Quando recebeu o salário pela primeira vez, foi até a prefeitura e o funcionário separou um monte de notas e disse: "Esse é o salário da senhora,

dona Biela!" Ela conta que se assustou com tanto dinheiro, pois nunca tinha recebido um valor daquele, sua irmã disse para guardar no banco.

Dona Biela vinha à cidade apenas nas épocas de 1ª sexta-feira, para a missa dedicada ao Coração de Jesus e em outras festas da cidade. Tinha grande prazer em dar aulas e gostava muito das crianças. Como professora deu aulas na rede municipal durante quatro anos e seis meses.

Dona Gabriela como outras professoras leigas foram aos poucos encerrando suas atividades para dar lugar às professoras formadas da cidade, que estavam chegando de Oliveira (Escola Normal Nossa Senhora de Oliveira) e São João del-Rei (Colégio Nossa



Senhora das Dores), pois de São Tiago (Colégio Normal Santiaguense) só viria a partir de 1967.

Dona Gabriela se destacou também na catequese que ministrava em sua casa, preparava crianças para cantar nos corais e, ainda, realizava em sua casa nos mês de maio, coroação a Nossa Senhora.



Aqui agradecemos carinhosamente às diversas professoras leigas que deram a sua contribuição para a formação dos cidadãos são-tiaguenses.

Marcus Antônio Santiago - Membro do IHGST

